

## Poema do Autocarro

Â Â Â

Â

"Quantos biliÃ¶es de homens! Quantos gritos  
de pÃ¢nico terror!  
Quantos ventres aflitos!  
Quantos milhÃ¶es de litros  
do movediÃ§o amor!  
Quantos!  
Quantas revoluÃ§Ã¶es na cÃ³smica viagem!  
Quantos deuses erguidos! Quantos Ã-dolos de barro!  
Quantos!  
atÃ© eu estar aqui nesta paragem  
Â espera do autocarro.  
E aqui estou, realmente.  
Aqui estou encharcado em sangue de inocente,  
no sangue dos homens que matei,  
no sangue dos impÃ©rios que fiz e que desfiz,  
no sangue do que sei e que nÃ£o sei,  
no sangue do que quis e que nÃ£o quis.  
Sangue.  
Sangue.  
Sangue.  
Sangue.  
AmanhÃ£, talvez nesta paragem de autocarro,  
numa hora qualquer, H ou F ou G,  
uns homens hÃ£o-de vir cheios de medo e sede  
e me hÃ£o-de fuzilar aqui contra a parede,  
e eu nem sequer perguntarei porquÃª.  
Mas...  
NÃ£o hÃ; mas.  
Todos temos culpa, e a nossa culpa Ã© mortal.  
Mas eu sÃ³ faÃ§o o bem, eu sÃ³ desejo o bem,  
o bem universal,  
sem distinguir ninguÃ©m.  
Todos temos culpa, e a nossa culpa Ã© mortal.  
Eles virÃ£o e eu morrerei sem lhes pedir socorro  
e sem lhes perguntar porque maltratam.  
Eu sei porque Ã© que morro.  
Eles Ã© que nÃ£o sabem porque matam.  
Eles sÃ£o pedras roladas no caos,  
sÃ£o ecos longÃ-nquos num bÃºzio de sons.  
Os homens nascem maus.  
NÃ³s Ã© que havemos de fazÃª-los bons.  
Procuo um rosto neste pequeno mundo do autocarro,  
um rosto onde possa descansar os olhos olhando,  
um rosto como um gesto suspenso  
que me estivesse esperando.  
Mas o rosto nÃ£o existe. Existem caras,  
caras triunfantes de vÃ-cios,  
soberbamente ignaras  
com desvergonhas dissimuladas nos interstÃ-cios.  
O rosto nÃ£o existe.  
Procura-o.  
NÃ£o existe.  
Procura-o.  
Procura-o como a garganta do emparedado  
procura o ar;  
como os dedos do afogado  
buscam a tÃ;bua para se agarrar.  
NÃ£o existe.

Vãas aquele par sentado alãom ao fundo?

Vãas?

Alheio a tudo quanto vai pelo mundo,  
simboliza o amor.

Podia o céu ruir e a terra abrir-se,  
uma chuva de lodo e sangue arrasar tudo  
que eles continuariam a sorrir-se.

Nãeo crãas no amor?

Nãeo ouves?

Nãeo crãas no amor?

Cala-te, estupor.

Tenho vergonha de existir.

Vergonha de aqui estar simplesmente pensando,  
colaborando  
sem resistir.

Disso, e do resto.

Vergonha de sorrir para quem detesto,  
de responder pois áo  
quando nãeo áo.

Vergonha de me ofenderem,  
vergonha de me explorarem,  
vergonha de me enganarem,  
de me comprarem,  
de me venderem.

Homens que nunca vi anseiam por resolver o meu problema concreto.

Oferecem-me automãveis, frigorãficos, aparelhos de televisãeo.

ã%o sã³ estender a mãeo

e aceitar o prospecto.

A vida áo bela. Eu áo que devia ser banido,  
expulso da sociedade para que a nãeo prejudique.

Hãe?

Ah! Desculpe. Estava distraã-do.

Um de quinze tostãmes. Campo de Ourique."

Antãnio Gedeãeo, in Mãiquina de fogo